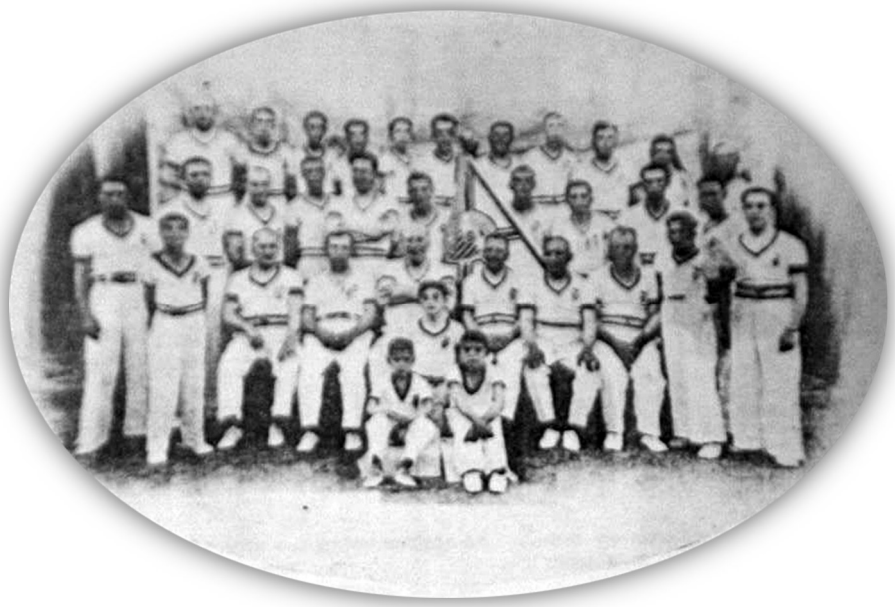
O Jogo do Pau em Vila Nova de Gaia

Francisco Silva, Amigos de Gaia nº 17 de Dezembro 1984 p.28-30



Decorria o mês de Agosto de 1931. Já lá vão, portanto, mais de cinquenta anos. Um grupo de homens de bem de Vila Nova de Gala, todos de raiz popular — operários e lavradores na sua maior parte— adeptos e cultores do velho e tradicional desporto português que é o jogo do pau, tomou a decisão de abrir uma escola onde se cultivasse e ensinasse esta modalidade de cultura física. A reunião em que isso se resolveu. perfeitamente informal, teve lugar, num fim de tarde de verão, no largo da feira de Santo Ovídio - Largo de Estêvão Torres - num dos muitos bancos de pedra que ali existiam. Nesse banco sentavam-se os mais velhos, enquanto que os demais ficavam de pé, à sua volta. Como ali era o sou ponto habitual de reunião, foi decidido que a escola ficaria na freguesia de Mafamude e que teria a forma de uma Associação popular, em que todos poderiam participar sem burocracias de qualquer espécie. O «cabeça» da iniciativa foi o velho Mestre Beirão, Francisco Pereira de seu nome, homem de forças e de respeito, que trabalhava como Mestre Geral da, então em pleno apogeu, Fábrica Cerâmica do Carvalhinho. Secundavam-no alguns amigos, da velha guarda, a maior parte dos quais mais conhecidos pelas suas alcunhas que pelos próprios nomes de família.

Eram eles, entre outros, o «Armindo Cabreiro». o «Neca Salsa», ambos do lugar do Aguieiro, o António do Carmo, um grandalhão que na época era, talvez, o polícia sinaleiro mais popular do Porto, o Mário Cruz, de Cravel, o tipógrafo Belmiro Ferreira. da Rasa de Baixo. o Antero Má Cralho, da Rua Raimundo de Carvalho, o Antero Romariz, do Monte Grande, e o Pai Tomás Rodrigues. da Rua Soares dos Reis. Tudo gente simples, que mais apreciava uma boa graça do que um belo discurso e que, à falta de pratos caros, se contentava com a sua isquita de ligado carregada de cebolada.

Mais levem que os outros, mas fazendo com eles vida de camaradagem e de amizade, havia um tipógrafo - o «Neca Saraivas» - que exercia a profissão na Tipografia da Casa do Povo, na Rua do Paraíso, no Porto. e que era, digamos, o cérebro da organização Homem de razoável cultura, não por virtude de formação escolar, que tinha só o exame de segundo grau. mas pelas mil e uma leituras a que era obrigado na sua arte de compositor tipográfico, e ele competiu,

praticamente, pôr de pé tudo o que respeitasse aos aspectos legais e administrativos da organização.

Encontrava-se o grupo, todos os fins de tarde, à porta da então bem conhecida «Loja do Pinto», que se situava no gaveto de Rua Soares doe Reis e Rua do Telhado. onde cavaqueava sobre tudo e onde se foi discutindo a evolução da iniciativa.

Deste modo, graças a um trabalho de íntima e entusiástica cooperação destes homens, nasceu em 1931, no mês de Setembro, para a prática e o ensino do jogo do pau, o Ginásio Clube de Mafamude. O salão de arrumações da «Loja do Parto», de grandes dimensões, que lhe ficava nos fundos, seria o local ideal para o grupo iniciar o seu funcionamento.

Servia de arrumações para as coisas da loja e, aí, pela quadra do Carnaval, por vezes, organizavam-se bailes populares. Falaram ao proprietário da tola, o velho Pinto, que era bom homem e amigo de todos eles, e a coisa foi-se. Cedência gratuita. Nada de aluguer. Aluguer que só mais tarde viria a aparecer como obrigação do clube, quando a família Bayllna comprou o prédio. Iniciava-se. portanto, a agremiação, sem grandes despesas, o que era muitíssimo bom.

Três gerações da família Beirão

Estabeleceu-se uma quota mensal de um escudo e adoptaram-se as cores branca e castanha para abandeira e para os equipamentos. A instalação, como não havia dinheiros, foi muito rudimentar. Colocaram-se alguns bancos compridos ao longo das paredes, fez-se uma divisão pequena, quase sem luz, para secretaria, e outra, do mesmo tamanho, para balneário. Melhor, para vestiário, dado que servia unicamente para os jogadores aí colocarem os casacos e os chapéus. E, sem mais delongas, começaram as práticas do jogo do pau e as aulas para aqueles que pretendiam aprendê-lo. Havia duas categorias de alunos: os adultos e os infantis; e o clube funcionava às noites, entre as 8 e as 10 horas, e aos domingos pela manhã. O mestre principal do jogo, que também era o Presidente da Direcção, era o «Mestre Beirão Velho»; mas emparceiravam-no, na tarefa de ensinar o jogo, entre outros, «Mestre Armindo Cabreiro», «Mestre António do Carmo», «Mestre Joaquim Carcassa» e «Mestre Manuel Rodrigues». Era só tirar o chapéu e o casaco, pegar no pau e começava a aula. — Olha a cabeçal — gritavam os mestres, para que os alunos colocassem os seus varapaus, como anteparos, para protegerem essa parte do corpo das pancadas que lhe dirigiam ou que, muitas vezes, só simulavam dirigir-lhes. Os alunos, inexperientes, viam —quantas vezes! — os dedos das mãos atingidos e inchados. Ficavam com eles doridos e alguns, mais timoratos, abandonavam a aprendizagem por algum tempo. Pelo menos, enquanto se lembrassem da pancada recebida. Todavia, por cada um dos menos rijos, apareciam, pelo menos, uns cinco valentes, dando lugar a um crescimento de alunos cada vez maior. Em breve alguns desses alunos eram considerados como «prontos». Assim surgiu a classe de adultos, composta, entre outros, por AUGUSTO BEIRÃO, filho de Mestre Beirão (que também acabaria por chegar a mestre), JOAQUIM TOMAZ RODRIGUES, seu filho MANUEL EDUARDO PEIXAVÃO (filho do lavrador Peixavão, da Avenida da Republica), ANTÔNIO CANEDO (sucateiro em Santo Ovídio), ANTÓNIO BASTOS (motorista das camionetas de Lavadores), MÁRIO COSTA (filho do Regedor de Mafarnude), EDUARDO TEIXEIRA, os primos ANTERO e ALCINO COSTA, da Laborim de Baixo, e os Irmãos ILÍDIO e AFONSO OLIVEIRA, de Laborim de Cima, ANTÓNIO SERIEIRO (que também chegou a mestre), JOÃO FARDILHA, ZEFERINO CANAVERDE, ELISIO

SARAIVA, da Rua do Telhado, que também chegou a ter alunos à sua conta, SERAFIM CANEDO, actual Presidente da Junta da Freguesia de Mafamude, e MÁRIO CRUZ (Filho). Quanto à classe dos infantis, os respectivos componentes viam os seus méritos crescerem cada vez mais. Dois deles houve, todavia, que atingiram excelente categoria: o pequeno FRANCISCO BEIRAO (Francisco Barbosa Pereira), que se transformou num excelente jogador de pau, e que haveria de vir a ser o sucessor do pai e o continuador da avó, como encarregado da Fábrica Cerâmica do Carvalhinha lugar que ocupou até ao encerramento desta, e o miúdo JAIME CRUZ, filho do velho Mário Cruz, que é, presentemente, funcionário do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, na sua Filial do Porto. Este rapazinho —hoje pai de família— dava que falar com o varapau nas mãos, e muitos dos grandes tomavam os seus cuidados quando se aproximavam dele.

Quem vivia nas vizinhanças da Rua do Telhado, perto do salão-ginásio, ouvia claramente o matraquear dos paus duranta as lições do jogo, tal o entusiasmo e a precisão com que os varapaus se encontravam uns às outras em vez de encontrarem as cabeças ou os corpos dos jogadores. Pouco mais de um ano após a fundação do clube-escola, já ale tinha as suas classes prontas a exibirem-se. Até apresentava duas meninas a praticarem a modalidade, uma, filha de António Santos Oliveira, cujo nome nos não ocorre, e que acabou por ir para o Brasil, e outra. de nome Mimosa, filha do proprietário da fotografia estabelecida na Rua Soares dos Reis, em Santo Ovídio.

Foi então que começou a época áurea do jogo de pau em Vila Nova de Gala, com a participação dos atletas do Ginásio Clube de Mafamude nos mais diversos festivais desportivos. Eram solicitados de muitas partes para se exibirem, e o publico apaixonou-se seriamente pela beleza e espectacularidade do logo, que então gozava de grande projecção no país, existindo escolas para ensina-lo em Lisboa, Porto, Minho e Tras-os-Montes. Foi assim que, ao longo de perto de uma dezena de anos, os ginasistas participaram em festivais realizados nos campos de futebol do Vilanovense F. C., do Futebol Clubs de Gaia (o velho João de Deus, já desaparecido), do Coimbrões (o Campo de Santa Barbara, que mais tarde daria lugar ao actual), do Avintes, do Oliveira do Douro (na testa da respectiva inauguração) e do Valadares.
Exibiram-se também no Porto, no antigo campo do Ameal, do Progresso S. C., no Palácio de Cristal e no Campo Hípico do Bessa; e, ainda, entre outras localidades, em Espinho, Aveiro, Curia, Coimbra, Cabeceiras de Basto e Matosinhos.

E tal era a fama dos culturões gaienses da velha esgrima portuguesa que, por intermédio do diplomata português Mário Duarte, tiveram a honra de se deslocar a Espanha, onde participaram, na cidade de La Guardia, na festa da inauguração do campo de jogos do clube local. fasta essa em que houve também um jogo de futebol entre o Celta de Vigo e o Real Espanhol, de Barcelona, clube onde, jogava o lendário Zamora. Guarda-redes da selecção de Espanha.

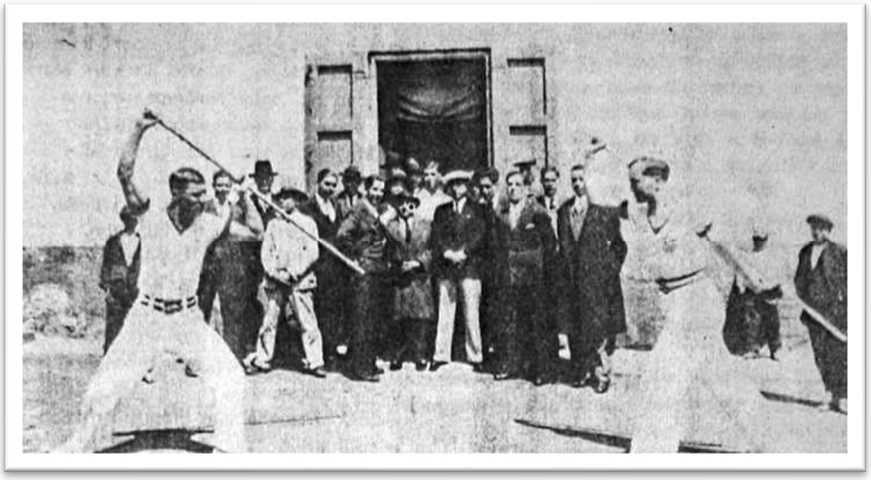
Pois o publico espanhol, que acorreu em grande número ao festival da Inauguração do camps de jogos, rendeu-se, encantado, a beleza do logo do pau, dispensando aos atletas de Vila Nova de Gaia tão grandes aplausos como os que dispensou aos futebolistas seus compatriotas.
Os homens que tinham fundado e desenvolvido essa escola atlética, onde se aprendia a esgrimir o varapau com elegância, a tornar os movimentos harmoniosos e a dar aos músculos perfeita agilidade, tinham cumprido o seu objectivo. Dezenas de desportistas — que o eram, na os gaienses que se dedicavam ao logo do pau — muitas vezes tinham desfilado, elegantes nas suas calças brancas e camisolas da mesma cor avivadas a castanho, varapau na mão, perante públicos numerosos, que não se cansavam de aplaudir as suas exibições. Públicos que vibravam com a rapidez dos golpes por alto, à cabeça; dos que, por baixo, procuravam atingir as pernas; e das perigosas e inesperadas pontuadas, em que os paus pareciam querer furar os peitos. E que vibravam, igualmente, com a precisão dos contra-golpes, executados pelos jogadores que se

defendiam em perfeito sincronismo com o logo de ataque. Era o que, na gíria do jogo, se chamava o «cortar», em que o varapau que defendia arrumava, no local exacto e no momento preciso, as pancadas desferidas pelos adversários. Neste logo, tão cheio de tradições em Portugal, havia igualmente o «um contra dois», e o «um contra vários».

Aqui, quem jogasse individualmente — e tinha quo ser sempre um excelente jogador — tomava conta do centro do terreno e acorria a todos os lados para anular os golpes dos adversários e, sempre que possível, lançar contra eles os seus próprios golpes. O tempo, sempre inexorável nos seus desígnios, foi envelhecendo esses entusiastas do jogo e levando deste mundo a maior parte deles.

Assim foi arrefecendo o entusiasmo pelo logo do pau em Vila Nova de Gaia.
O clube que esses pioneiros tinham fundado foi-se modificando pouco a pouco.
O seu lado desportivo, apesar de ter possuído um grupo de basquetebol e aulas de ginástica, para o que foram Instaladas no salão tabelas com cestos, argolas e trapézios, foi dando lugar a outras actividades.

Entre elas, teve o clube um grupo de amadores teatrais, de que foram primeiros mentores António dos Santos Oliveira e Mário Cruz. Todavia, até essa actividade acabou por cessar. Hoje, desse punhado do cultores da bela esgrima portuguesa, que tanto propagandeou Vila Nova de Gaia, pouco mal resta que algumas velhas e descoloridas fotografias, colocadas nas paredes ou guardadas nas gavetas do clube que criaram e que ainda existe na Rua do Telhado - o Ginásio Clube de Mafamude.



Exibição em frente à sede do Ginásio